

# A FOLHA

(MICROSCOSMO LITTERARIO)

ANNO LITTERARIO DE 1868

*Ao leitor —* Comêço de escrever estas linhas á hora tremenda dos phantasmas. É meia noite: os narradores de casos feéricos, horripilantes e inauditos; os romancistas de sombreiro e faca, sabem tirar d'esta hora preciosissima lição de moral e mais proveitoso receitaurio de somnolencia.

A esta hora tambem eu desejo que o leitor benevolo alevanté os olhos de sobre o seu trabalho e os estirc complacente por essas tiras de papel, que vou escrevendo. São prosas humoristicas, para que as leia; participam mais ou menos do gosto de nossos dias, para que de todo não desagradem. O leitor tem por certo conhecimento d'um livro notavel de Louis Veuillot — *Les odeurs de Paris*; pois aspire sôffrego esses cheiros de Paris, compare-os com os de Portugal em 1868, e diga-me a final se, *mutatis mutandis*, os symptomas d'um andasso litterario não são identicos aqui e alli. O folhetim, o jornal, o drama, o romance e o poema é tudo gargalhada offenbachista!

O rir é moda, é arte, é ideal, e, o que mais é, representa um capital, vale dinheiro!

A alegria compra-se por dez tostões no theatro, por cinco numa loja de livros, por dois nos quadros vivos, por um no cosmorama, por um pataco ao farçante da rua, por vinte réis ao tocador de realejo!

Os malditos cheiros de França viciaram a nossa atmospha. Em vão queimamos de vez em quando alguma porção de alfazema e alecrim ante o altar de Garrett; se os miasmas do ambiente nos suffocam! E pois que é tal o gosto dos consumidores que só de gargalhada é que o mercado se provê em abundancia, accuda o leitor á feira da ladra, e veja com seus proprios olhos que de trapos por ahi vão! Lá no fundo d'essas barracas despanteladas encontrará, por certo, muita joia escondida; mas note que não estão á vista, porque se não vendem; nesse mare magnum de lentejoulas apparecem uns ou outros fios de ouro de lei; são raros. Todavia é imponente a farfalhada, a onda dos obreiros irrequieta, o movimento artistico tumultuoso; e por baixo de tudo isto presentem-se os hombros de Atlante e um fogo latente annuciado pela oscillação dos espiritos. Oxalá que de tudo isto se desentranhe

uma catadupa de luzes. Deus queira que d'este grande mundo cabótico e informe e irregular em suas tendencias, d'essa révolta ebulição, que por ahi anda a inchar nessa especie de laboratorio faustiano, não surja o homunculo, como da montanha o animalejo. Acreditamos que não; porque este movimento é um effeito d'uma vontade irresistivel pelo trabalho, e, louvado Deus, ainda ha muita gente que ensine com a palavra e com o exemplo. Através das sombras que passam e se cruzam e se condensam no céu litterario de Portugal, o firmamento deixa transparecer algumas estrellas de perenne e solido fulgor. Mais adiante fallaremos d'ellas.

As estrellas contemplam-se á noite, mas não foi para as contemplar que eu escolhi esta hora. Como tinha de fallar de poesia, e a poesia é já para mim um phantasma, esperei pela hora, em que elle surgisse do seu tumulto, sem o esforço de evocação. Olhe, leitor, que a poesia é para mim um phantasma, não d'estes que surgem d'um abysmo, como o satanaz de Milton, num turbilhão de fumo e fogo; não d'estes que horrorisam os pusilamines e fazem gelar os sangues, estremeecer o corpo, esgasear os olhos e aprumar os cabelos; mas como o desfalecido vulto de virgem descorada e pallida! Para ella me fogem as saudades, para a luz me fogem as aspirações; para as sombras me arrastam consigo os caranguejos da vida. É por isso que me fazem inveja os poucos poetas, que ainda sonham e cantam nesta abençoada leira de terra, em que vivemos. Ora pois, já que me fazem vergonha, e os não posso imitar, prestarei ouvidos á longinqua toada, que, á hora dos phantasmas, os felizes da poesia desferem da theorba saudosa.

Designada assim a hora da meia noite, hora dos phantasmas, das machinações, das grandes empresas; hora dada para a contemplação da lua e das estrellas; hora de repouso para o prosador que tem somno; hora de vigilia para o poeta e para o rouxinol; hora em que o visionario vae surprehender a natureza no concerto mavioso da harmonia das esferas; hora em que Offenbach principia a dormir; hora mysteriosa de silencio, em que nenhuma voz de poeta fica abafada pela gritaria confusa da saturnal politica; hora em que não é do mundo... finalmente designada esta hora solenne para pedirmos contas ao anno litterario



de 1868, advirto o leitor que a critica em Portugal é muito possível, embora difficil; possível, porque talentos não faltam; difficil, porque Portugal é uma pequenina familia, onde todos somos de casa e nenhum se atreve a apontar a outro defeitos que lhe offendam orgulhos. O caso é que em Portugal a chamada critica perdeu todo o prestigio, porque se tornou venal e devassa como as mulheres de Sodoma! Criticar é, para uns, o mesmo que louvar; para outros o mesmo que morder. Não sou inimigo da jaculatoria, nem da satyra. São dois elementos estes necessarios, um para cauterisar, outro para crear brios. Prescindir d'um para seguir o outro systematicamente, é uma perfidia. Adoptal-os ambos simultaneamente, modificar-lhes as demasias, combinal-os e fundil-os num só elemento á luz da verdade, eis a critica, que tem por fim apontar o erro para que seja expungido, indicar a belleza e coroa-la de louvor para que fique patente ao artista. Para atinar com esta e descobrir aquelle vejo eu por ahí olhos bem claros. Porque os fecham agora e permitem que as mediocridades se enframem na purpura da realza? Porque não descem as aguias sobre tantas galinhas que por ahí cacarejam com grave escandalo de nossos ouvidos? O silencio agora é um crime. Ainda bem que muitos engenhos andam extraviados do bom caminho por condescendencia ao gosto da epocha, por amor de uma toda aspiração á nomeada; que não por falta de recursos. Bom e mau, anda tudo baralhado: venha alguém que estreme o joio do trigo e marque logares a cada um, porque a critica não só é possível em Portugal, mas indispensavel. Não vale dizer que a critica não augmenta nem diminue quilates, (Deus nos livre que assim fosse) mas enumera-os. Não se diga tambem que a critica conforme em Portugal se faz tende a auctorisar o que por si se não auctorisa, recommenda o que o merecimento intrinseco d'um livro não recommenda, logo prescindamos d'ella... Quem assim falla confunde critica com elogio, coisas, por vezes, oppostas e nunca identicas.

A necessidade da critica illustrada e propriamente dicta ninguem haverá que a negue, a sua possibilidade fundada em a difficuldade de ajuizar bem, é um sophisma, que só o Padre Antonio Vieira teve a habilidade de fazer passar por argumento inconcusso. Em um sermão da segunda Dominga do Advento, diz o insigne orador: «O juizo dos homens é mais temeroso do que o de Deus; porque Deus julga com o entendimento, os homens julgam com a vontade. Quem julga com o entendimento pode julgar bem e pode julgar mal, quem julga com a vontade nunca pode julgar bem. A razão é muito clara, porque quem julga com o entendimento, se entende mal, julga mal, se entende bem, julga bem. Porem

quem julga com a vontade, ou queira mal, ou queira bem, sempre julga mal; se quer mal, julga como apaixonado, se quer bem, julga como cego. Ou cegueira ou paixão, vêde como julgará a vontade com taes adjunctos.» Diga o Vieira o que quizer; dos homens alguns ha que julgam com o entendimento, e para esses appellamos nós, porque de seu auxilio carecemos.

Fallaremos da poesia, do romance, do theatro, dos almanaks e pamphletos.

A. Simões Dias.

### Rosa pallida

Vi-te passar vaporosa  
Como nuvem do occidente...  
Pelo labio cor de rosa  
Vago sorriso tremente

Perpassou nesses instantes;  
Teus seios arfavam tumidos,  
E vi-te os olhos brilhantes  
De chorar ainda humidos.

A multidão que passava  
Apontava-te sorrindo,  
A tua face corava...  
Mas as lagrimas cahindo

Só eu t'as vi nessa hora;  
Perguntei por ti, Christina,  
Disseram: Esta senhora...  
Não conhece?!... uma ruina...

Depois... amei-te... foi sorte...  
Oh! rosa de amor pendida!  
Ficaste sendo o meu norte,  
Oasis da minha vida.

Só por ti sôem meus cantos,  
Os cantos da minha lyra;  
São bellos, filha, são sanctos  
Os carmes que amor inspira.

Eu quero dormir á sombra  
D'essas tranças turbulentas;  
O teu regaço é alfombra  
Em que este peito adormentas.

Eu quero crestar-me á chamma  
D'esses lubricos olhares...  
Só não vive quem não ama,  
Solta, ó diva, os teus cantares!

Eu hei de morrer cantando,  
Que a morte não custa assim;  
Eu hei de viver sonhando  
Mil sonhos de amor sem fim.



ira mal,  
se quer  
er bem,  
ão, vêde  
junctos.  
mens al-  
mento, e  
e seu au-

do thea-

s.

Dá-me o aroma vaporoso  
D'esse teu labio divino...  
Eu quero pender de goso  
No teu seio alabastrino!

Apenas conto vinte annos  
E uma alma franca e singela;  
Nunca tive desenganos,  
Porisso vem, minha bella,

Estreita-me em teus abraços,  
Rebeija-me a fronte pura...  
Hei de morrer em teus braços  
Entre effluvios de ventura!

Eu bem sei que has de matar-me,  
Que és a aspide entre as flores;  
Eu bem sei que has de levar-me  
Esperança, crenças e amores...

Eu sei tudo... a vida vôa...  
E é bello o leito dos noivos!  
Que importa que a tua c'roa  
De rosas seja ou de goivos?!

Que importa?... amei-te... foi fado...  
Eu quero perder-me, filha!  
Sou qual viajero cansado,  
E tu és a manceilha.

Guerra Junqueiro.

### A MINHA HELENA

Tu só, coisa gentil, formosa Helena,  
Tu só que tens da Grecia o ardente amor,  
Podias abrandar a minha pena,  
Se os teus olhos nos meus quizesse pôr!

Vês estes meus cabellos desgrehados,  
A minha barba esqualida, e grizalha?  
Vês esta capa rota? Os meus peccados  
Não me alcançam no mundo outra mortalha!

Não encontro uma esteira! Tenho frio!  
Venho morto de fome e de cansasso!  
Expulsou-me do seio a ingrata Chio,  
Abre-me tu, Helena, o teu regaço!

Ampara esta cabeça escandecida,  
Que não sabe o que quer, nem aonde vae;  
Repuxa por um pouco essa torcida  
Da candeia do amor que se me esvae!

Mas tu foges de ouvir a minha lyra!...  
Não gostas d'este Orpheu, por desgraçado?  
Ingrata! quando Homero á mingua expira,  
Canta o mundo um *Te-Deum* ao som do fado!

J. Simões Dias.

### A BEIRA DO ADRIATICO

(Fragmento do poema Tasso, inédito)

Nem Roma, co'os destroços e ruínas  
que lhe restam das eras que passaram;  
nem Mantua, o flóreo berço de Virgilio,  
com suas festas, e bulicio, e galas;  
nem as vozes da gloria que se elevam  
das multidões que em torno a mim se agrupam;  
nem o raivar da inveja que se morde  
ante os triumphos do rival de Ariosto...  
poderam abafar a voz continua  
que me rala de angustias e saudades!

Bem hajas, solidão! — Só tu me offertas  
o calix onde bebo o esquecimento  
de passadas torturas! mas não fogem  
do coração as dores da saudade  
que eu sinto junto ao mar! — Porcia de Rossi  
por estas praias me levava ao collo,  
fazendo-me aprender ainda infante  
os gemidos das vagas! Escutei-os...  
vingou em fructos a lição precoce!...  
tambem nestas areias eu vagava  
a sós com minha irmã! Pobre Cornelia!  
nem tu me restas, companheira amiga,  
que me embrincaste os meus primeiros dias!  
Dize-me tu, ó mar: já que paragens  
levaste aquellas conchas esmaltadas  
que eu apanhava em tuas praias de oiro?  
onde abysmaste aquellas flores brancas  
que, por abril, a fronte me adornavam?  
tudo caiu nessa fatal voragem  
em que os annos resvalam, sem que os annos  
enche-la possam, — dorna das danaides  
sem fundo, nem alivio para os martyres  
atrelados á roda do destino!  
tudo passou! mas tu ainda soltas  
de praia a praia cantos e lamentos!

Ruge o leão do Atlas na floresta;  
esbraveja o simum na Africa adusta;  
rompe o sol das montanhas do oriente;  
os campos atapetam-se de flores;  
opulentam-se os ares de perfumes:  
mas um dia o leão entra no fojo  
e cala para sempre a voz medonha;  
mas o simum varre o Sahará, e esconde-se;  
mas o sol vae passando fugitivo  
na tangente da esfera, e cae a noite;  
mas esmaem as flores sob a calma,  
e não mais se respiram os perfumes!  
E tu és sempre o mar, contando ás rochas  
segredos que em ti guardas do passado:  
quem t'os poderá ler, ó livro immenso,  
nas folhas que desdobras sobre as praias!  
quem decifrara a historia dos gemidos  
que espalhas pelas bibulas areias!  
Sentinella que os tempos não curvaram,  
tens visto as gerações baixando ao nada,  
e enviaste um lamento a cada uma!



E nunca a tua voz se extingue e morro  
como o vento que geme nos ciprestes:  
hontem, hoje e amanhã, e sempre, e sempre,  
não cessas de carpir a humanidade!

Venho gemer contigo! — Se os meus olhos  
destilarem ao menos uma lagrima,  
abre o teu seio immenso; ás tuas perolas  
deixa casar a perola d'est'alma;  
e, de involta co'os ais que desentranhas,  
leva ás eras por vir os ais que eu sóto!

Cândido de Figueiredo.

## LENDAS DO ALENTEJO

### A TORRE DO AZINHAL

#### V

A dama quem era? Moura encantada?  
Rainha de fadas? não sei.

Tinha muito de alpestre e medonho o sitio  
em que ella passeava; a espaços erigiam-n'o  
rochas, que se agrupavam ás vezes sobre-  
pondo-se e enovelando-se; ficava-lhe a ca-  
valleiro um castello a defender uma villa e  
um muro a cingil-a; começava em figueiral,  
continuava em olivedo, e terminava em cla-  
reira; no figueiral e no olivedo vagavam luzes  
a tempos, as bruxas celebravam alli o sa-  
bado; em meio da clareira havia uma ermida;  
juncto d'ella um tractosinho de terra, que era  
cemiterio aos que morriam sem baptismo, d'este  
sahiam gemidos; d'aquella, algumas noites,  
uma procissão de finados.

As silvas emmaranhavam-se em tórno do fi-  
gueiral; as eras em parte desfolhadas e seccas  
enrolam-se, imitando serpentes, ao tronco das  
oliveiras: o vento penetrando no ouco dos ro-  
chedos desperta lá dentro muzicas lugubres,  
e sahindo derrama nos ares murmurios sur-  
dos, como de feras, que brigam, e vão já can-  
çadas; silvos agudos, como de viboras trilhadas  
de incautos á hora do meio dia.

De noite quem se atreveria a andar em  
campos tão lóbregos, a aproximar-se da er-  
mida, a embrenhar-se no olivedo?

Do povo vizinho ninguém: a dama passeava  
alli cantando e sorrindo.

Como chegasse juncto d'ella, Rogerio dis-  
se-lhe:

— A condessa, senhora, chamava avisos  
d'um anjo aos dobres do sino; avisos do céu, em  
verdade, foram os que me trouxeram até vós.

E quiz dar-lhe um beijo; ella afastou-o sor-  
rindo, dizendo-lhe:

«Um beijo é o premio de serviços, e são  
 nenhuns os teus.»

— Que farei? perguntou o conde.

«Vês aquella ermida? Defrontando com a  
porta ergue-se uma cruz de madeira; é fer-  
tilissimo o terreno, em que ella se hastêa,  
quero alli plantar uma acacia ou uma moita  
de lillazes: vai lá, e derriba-a, e some-a entre  
as balseiras.»

O conde obedeceu; mas quando elle voltou,  
a dama com a ponta flexivel d'uma varinha  
tocou a base d'um rochedo, o rochedo abriu-se  
patenteando uma escadaria de marmore: des-  
ceram-n'a ambos.

A raiz da escadaria abria-se um jardim ma-  
gnifico e vasto: as leiras estavam cheias, umas  
de arbustos elegantes, outras de mimosissimas  
flores; cercavam e guardavam margaridas a  
estas, áquelles o buxo; aqui, emboscado, can-  
tava um rouxinol, além um melro, pousado a  
descoberto na pontinha d'um ramo, que ver-  
gava com elle.

As auras a capricho enleivavam de quando  
em quando as flores ao tronco dos arbustos,  
e obrigavam os ramos mais flexiveis d'estes a  
curvarem-se para retribuirem os abraços em  
beijos suavissimos.

A água a distancias irrompia e espadanava  
da terra e elevava-se em fios de prata para  
cahir em chuva de perolas.

No meio do jardim erguia-se um edificio  
de riquissima fabrica: a terra, obedecendo a  
um desejo, o tinha formado chorando stala-  
ctites, dispondo-os em muros, arqueando-os em  
tectos, abrindo-os em rendas, e atirando-os por  
molduras sobre as janellas e os porticos.

Eram as salas do edificio seis e mais uma,  
vastas, mas desertas, e brillantemente allu-  
miadas; a setima, para que todas as outras  
faziam caminho, povoavam-n'a mezas opulen-  
tas, riquissimos leitos, luxuosos sophas.

Neste recesso cheio de mysterios, e que  
convidava a prazeres, passavam as horas a  
dama e o conde; corriam ellas, e viam-nos  
em voluptuosos abraços ou em conversas blas-  
temas, na meza da crápula ou á banca do  
jogo.

Ao fim de tres dias, como passassem no  
jardim, a dama perguntou a Rogerio se não  
tinha saudades da condessa, se não queria  
partir.

— Não, respondeu-lhe elle entre beijos, que  
são magnificos os teus jardins, esplendidas as  
tuas salas, delicadas as tuas mezas, generosos  
os teus vinhos, suaves os teus leitos, os teus  
sophas nacios, e tu formosissima!

«Mas no teu solar a estas horas vão tris-  
tezas e prantos: a condessa afflige-se, os teus  
servos procuram-te.»

— Que importa a condessa. Não têm fogó  
os seus olhos, marejam lagrimas; não soltam  
beijos os seus labios, murmuram preces: en-  
fada-me.

«Irás» tornou-lhe a dama.



— Mas, recorda-te: a tua cantiga dizia:

A corça é minha, defendo-a,

Volve, volve ao teu solar,

Ou descavalga, se queres

Descansar.

e eu estou ainda cansado, preciso ainda repousar nos teus braços.

«Irás» continuou a dama, subindo e fazendo-o subir a escadaria de marmore, que ligava o jardim subterrâneo ao rochedo, que lhe servia de portal.

— Mas a ultima estrophe do teu canto era assim:

Lembra-te o sino revoltoso?

Gyros e voltas que deu?

Não viste quem o dobrava?

Era eu.

Tu, que me chamavas, para que me expulsas agora?

Tinham chegado ao ultimo lanço das escadas, e o rochedo tinha-se erguido; junto d'elle estava um cavallo enfreado e prompto.

A dama sorrindo respondeu a Rogerio: «se a condessa se encostar no leito da morte, e tu fores vivo, espero-te, volta.»

Depois afagou o collo do cavallo, abrindo-os passou-lhe os dedos pelas crinas, como para os pentear, tomou as redeas, e segurou-o estribo; o conde beijou-a, cavalgou e partiu.

## VI

Desdobrava-se a noite, e um anjo invisivel ia cravejando de estrellas a abobada celeste; a essa hora, que é de amor e saudades, de enlevos e mysticos arrobos, o conde chegou ao castello com o coração envenenado por atrozes intenções.

As damas e os pagens ao verem-n'o carregaram involuntariamente o rosto; a condessa desanuviaram-se-lhe os olhos, e aos labios assumou-lhe um sorriso de alegria, sorriso tenue, porem como o raio do sol, que em tardes de dezembro se escôa por entre as brumas.

O conde abraçou Beatriz, simulando viva ternura e perguntando-lhe — se já o não esperava.

— Sempre se espera o que se deseja, respondeu ella; esperava-o, sim.

«Mas tem olhos de chorar, e a esperança é alegre.»

— E triste ao mesmo tempo; as flores da esperança são como as flores de certas trepadeiras, que são roxo-escuras e raiadas de encarnado; a esperança é a falta d'uma coisa appetecida e a crença de que viremos a possuil-a; é uma dor e um ante-goso, bem vê.

«Muito bem, condessa, ceiou já?»

— Não.

«Pois cieiaremos ambos: quero pagar-lhe as lagrimas, que chorou, erguendo-lhe saudes; ha de retribuir-m'as, sim?»

— Porque não? Quem bebe um calix de fel, e não se queixa, Rogerio, pode beber um de vinho para lhe satisfazer um capricho.

«Pois até já.»

Atravessando a sala o conde passou a uma outra; havia nesta uma frisqueira, onde se alinhava uma fileira de garrafas cheias de vinho e, cobertas de pó; tomou, desarrolhou e envenenou uma; juntou-lhe outras, e chamou um pagem, mandou-lhe que as levasse para a sala immediata, e foi após elle.

À ceia derramou no copo da condessa do vinho envenenado, e, poisando a garrafa á ponta da meza, bateu-lhe com o cotovello, como por acaso, fel-a ir a terra e partir-se.

Quando os pedaços de vidro tilintavam a entrebater-se, rindo e gorgolando vinho na sua ampla taça, o conde dizia a Beatriz:

«O solo parece que tem sede, condessa, que beba: eu vou bebendo á sua saude.»

A condessa respondeu ao brinde bebendo um trago de vinho; quando depunha o copo, uma das suas aias entrou na sala, e segredou-lhe ao ouvido por algum tempo.

— Não te inquietes, e cala-te, lhe respondeu Beatriz.

Os olhos pouco depois cobriram-se-lhe de nevoas, e as nevoas resolveram-se numa lagrima, que se partiu em muitas cahindo dos cilios.

«Choras, condessa?» perguntou o conde bebendo.

— Recordações e saudades, Rogerio; ha oito annos, lembre-se, erguia-me também saudes no banquete dos esponsaes; eu estava ainda em casa de minha mãe...

«E era mais feliz, quer dizer?»

— Era sim: mimosa dos meus, amada de ti.

«E hoje?»

— Hoje, dos meus, minha mãe morreu; meu pae e minhas irmãs estão longe; e o teu amor...

«Continue, condessa, mas vá esgotando a taça, que eu dou o exemplo: á sua saude!»

A condessa bebeu outro gole de vinho, e proseguiu:

— Que as azas do teu amor se despontassem, e não erguessem vãos altaneiros, como outrora, era lei, não o estranhava; mas que extinctas as labaredas não surgisse a anizade das cinzas do amor, sinto-o.

«Delira, Beatriz: não admira, é do vinho: acha-o forte?»

— Tinha vontade de rir, conde; mas já que pelo descostume não sei fazel-o, ergo-lhe outra saude.

E levou aos beiços o copo e continuou:

— Quando me cortejava tinha o rosto, que tem agora; mas ou tinha, ou fingia ter, outro coração: fallava em Deus e parecia crer nelle;



em honra e em gloria, e parecia tel-as em prego; no amor, e parecia sentil-o; se alguém hoje lhe perguntasse: crê em Deus? o que retrocava?

«Não.»

— Se lhe dissessem: estima a gloria? que diria?

«Não.»

— Se continuassem: aprecia a honra? o que replicava?

«Não.»

— Se proseguissem: ama alguém? o que respondia?

«Olhe, se me fizesse a pergunta quem m'a faz agora, respondia — amo-te.»

— Os fumos do vinho, conde, continuou a condessa sorrindo amargamente, permitem-me que falle e delire; para ter mais desculpa esgôto o copo; oiça-me:

— Mentia, conde; e melhor era assim, para mulher, que valha alguma coisa: de que vale e de que serve o amor de quem não crê em Deus, de quem não aprecia a honra, de quem não estima a gloria?

«Serve de muito, condessa, replicou o conde convulso e batendo com o punho na meza; serve-lhe de bulla para me chover insultos, que, a não virem de si, seriam castigados a ferro.»

— Não se ire, conde, modere-se, não se importe com o que digo; os fumos do vinho desculpam-me; onde elles não chegarem supra o seu amor; mas o vinho é forte, muito forte; oiça:

— Ha oito annos vivia eu ainda no solar de minha mãe. O conde esteve lá, e lembro-me que compunha trovas ardentes e devotas á imagem que eu coroava de flores todos os dias.

«É verdade, respondeu o conde com um sorriso sardonico, fazia versos á boneca com que se divertia a menina Beatriz; é tambem capitulo de accusação?»

— Não, conde, lhe tornou a condessa em tom quasi sumido, desfitando-o e descabindo a cabeça, como que ferida mortalmente.

«Então a que vinha essa historia?»

— Nem eu sei já.

«Quer que renove o copo para se lembrar?»

— Do vinho da primeira garrafa desejava mais algumas gotas, conde; d'outro não.

«Mas porque?» perguntou o conde perturbado e corando.

— Não sabe porque?... Porque tenho ouvido que a mistura de vinhos diferentes prejudica a saude.

«Mas o d'estas garrafas é igual ao da primeira.»

Beatriz ergueu a cabeça, fitou o conde, e disse-lhe:

— Não é, não está envenenado.

«Tome um banho, condessa, que talvez se

dissipem os fumos da embriaguez; eu levanto-me da meza, e saio do castello para lhe não ouvir destemperos.

— Levanta-se da meza, conde? Eu vou deitar-me no tumulto. Saia do castello? Adeus.

(Continúa)

L.

## DULCIS AMOR

Quem é que alta noite passeia na rua Encostado ás portas, ao romper da lua?

Na viela deserta nem vento bolia,  
Quando uma vidraga de manso se abria.

O vulto apressado trepou pela escada  
De seda, que do alto lhe estava lançada.

Ao cantar do galo, juncto da janella,  
Vi-lhe nos seus braços lubrica donzella!

Dois vultos cahiram no chão... Que seria?  
Na rua deserta nem vento bolia!

Alfim um murmurio de brisa entre flores  
Se escutou ao longe pelos corredores:

«Se os teus olhos matam, vou nelles morrer;  
«Se o prazer é vida, deixa-me viver.

«Se o meu peito é gelo, dá-me o teu calor,  
«Derrete-me todo com beijos d'amor!»

E a aragem na rua nem sequer bolia  
Quando uma vizinha de perto dizia:

«Bem me diz o cura, quando saes do côro,  
— Queres ser ditosa? procura um namoro!»

J. Simões Dias

## VINHO E FEL

VI

Perdi toda a esperanza de no mundo  
Possuir-te um dia em venturoso laço,  
Que só vejo ante mim, a cada passo,  
Um abysmo maior e mais profundo.

Um destino cruel e sem segundo  
O peito me cingiu com ferreo abraço.  
Em vão procuro luz, por todo o espaço  
Só as trevas encontro e não têm fundo!

Que dor, oh minha filha, que amargura!  
Perder-te, quando a mão já me estendias  
De brilho enchendo a minha noite escura!



Que me resta? Uma vida de agonias:  
Até á desejada sepultura  
A crápula aviltante das orgias.

## VII, VIII

Mal pode imaginar-te a mente acesa  
Tão gentil como quando, venturoso,  
Te vi a vez primeira, ebrio de gozo,  
Extactico de pasmo e de surpresa.

Que prodigio de esplendida belleza!  
Que labios! que sorrir! que olhar piedoso!  
Que opulento cabelo... um mar ondoso  
Onde esconderas a gentil nudeza!

Assentada num banco de verdura,  
Junto á margem do mármore Mondego,  
Do Correggio vencias a pintura.

Ai! perdi, desde então, paz e socogo:  
Se estavas tão graciosa em tal postura  
E comias um paio de Lamego!

És minha, és minha, oh venturoso fado!  
Cedeste á chama que em meu peito alento!  
Chegou por fim o divinal momento,  
O dia de meus sonhos anhelado!

O céu ha pouco tórvo, cil-o azulado;  
Agita as folhas um galerno vento;  
Explende o sol no ethereo firmamento;  
Rescende aromas o florente prado.

Quando ha pouco a teus pés (oh quadro lindo!)  
Te disse o meu amor, em doce esmaio  
Senti d'um paraizo o gozo infindo.

Oh camênas agricolas, cantai-o!  
Ella, a minha formosa, ella, fugindo,  
Deixou-me o coração, deixou-me o paio.  
(Continúa.) João Pezão.

## MORRINHA BRAZILEIRA

(O engajado)

O sol ardente sobre estas plagas  
Dardeja a prumo seus mil fulgores  
O leão nas selvas, rugindo irado,  
Povôa os valles de seus horrores.

De noite a lua cingida em crepes  
Paíra sinistra no erguido sérro;  
Em roda estrellas amarelentas  
Semelham cyrios d'algun enterro.

Meus olhos, fartos de tantas lagrimas,  
A custo se erguem ao firmamento.  
Oh céus! levae-me pelos espaços  
Onde me leva meu pensamento.

Aqui bem vejo mil formosuras,  
Moças que matam com seus olhares...  
Mas eu não posso com taes saudades,  
Como as que sinto pelos meus lares!

Eu quero ainda dormir ás soltas  
Nas pobres palhas do meu colnado,  
Contar á virgem dos meus amores  
Tristes tormentos d'um «engajado»!

E quando eu morra... (Misera vida,  
Que eu te não deixe na terra alheia!)  
Fiquem ao menos meus tristes ossos  
No cemiterio da minha aldeia!

J. Simões Dias.

## ESTATUA

Car la beauté c'est tout.

A. DE MUSSET.

Estatua, sim; mas estatua  
Primor de rara belleza,  
Em que pôde a natureza  
O que a arte nem sonhou!  
Estatua que tem nos olhos  
O brilho do pensamento,  
Mas que a luz do sentimento  
Nunca em chammias inflamou!

Que fronte erguida! Que gesto  
Nobre, altivo, e todavia  
De tão suave magia,  
Tão cheio de seducções!  
Que encanto naquella riso,  
Naquelle olhar que domina,  
Que subjuga, que fascina,  
E que impõe adorações!

Na valsa doida, na valsa  
Caprichosa e delirante,  
Vi-a uma noite, um instante  
De loucura e de prazer!  
Vi-a, vi-a, como a vejo  
Inda agora em meu delirio,  
Branca, pura como um lyrio,  
Formosa... de endoidecer!

Mas estatua: bella, bella,  
Porem fria, porem dura:  
No rosto que formosura...  
Que gelo no coração!  
É marmore aquelle peito,  
E bello, mas não palpita;  
E os olhos, quando ella os fita,  
Não têm ardente expressão!

Oh! se ao fogo de minha alma  
Podesse acaso inflamar-a!  
Se os labios tivessem falla,  
Que me fallassem d'amor!



Se se animasse a meus beijos  
Essa gentil Galathêa,  
E este incendio que ella atêa  
Lhe dêsse ao peito calor!

Se podesse ver-lhe as tranças  
Sobre o collo desgrenhadas;  
Ver-lhe as palpebras cerradas  
No desmaiar da paixão...  
E o seio arfando cansado  
Na doce lucta d'amores,  
Nos requebros seductores  
D'uma terna commoção!...

Porem a estatua não sente;  
Existe, mas não tem vida;  
E minha voz é perdida,  
E inutil o suspirar!  
Ante esse gêlo insensível  
Vai quebrar-se o sentimento,  
Como os gemidos do vento  
Nas rochas que bate o mar.

Embora, eu amo-a! Que importa  
Seja este amor insensato?...  
Em vão meus olhos dilato,  
Não lhe diviso rival!  
É fria, mas é formosa,  
E eu adoro a formosura:  
Nessa belleza tão pura  
Ha todo um mundo ideal!

Luiz Carlos.

### VERSOS DE SENHORA

Que formosos, que suaves não eram  
Esses dias alegres d'outr'ora,  
Quando a infancia passava brincando,  
Sem sentir os cuidados de agora!

Quando a lua rompia na encosta,  
Ou pairava na altura do espaço,  
Eu cuidava que a lua descendo  
Me podia cahir no regaço!

E porisso, estendendo as mãos ambas,  
Té cuidava apanhar as estrellas!  
Ai, que sonhos, que fundas saudades!  
Quem podêra, meu Deus, esquecel-as!

Eu por mim, se mil annos de vida  
Sobre a terra o Senhor me trouxer,  
Estes dias formosos da infancia  
Nunca mais poderei esquecer!

J. Simões Dias.

### EXPEDIENTE

As ex.<sup>as</sup> redactora e collaboradoras da *Voz feminina*, agradecendo a remessa do n.º 1 da *FOLHA*, lisongeam-se de alcançar, para a causa que advogam, em novos campeões novos triumphos.

Ignoramos até certo ponto a causa em prol da qual temos de sair a terreiro; mas isso pouco importa: não faltaremos ao prélio.

Se ha uma dama que deseja uma flor, sobre que um leão poisa a pata, a lançadas arrancaremos á fera a vida e a flor; se o sexo gentil cobiça alforriar-se de rancidos preconceitos e quer direitos eguaes aos do sexo contrario, obrigaremos, com bellos argumentos na mão, a que lhe façam justiça cabeçudos legisladores; se alguma das formosas collaboradoras da *Voz*, em paga d'um sorriso, nos pedir alguma das estrellas, que scintillam no firmamento, iremos ao empyreo buscar a escada de Jacob e de lá de cima as despreharemos: se finalmente alguma bella antoja passeios pelos bosques de Cythera e de Amathunta, nem melhores guias, nem de melhor vontade os encontra, como na redacção da *FOLHA*.

Podem portanto as distinctas redactoras do semanario lisboeta contar connosco para tudo e em todo o tempo.

Mais duas palavras:

Parecia-nos que num periodico de senhoras só deviam ter entrada senhoras; mas não é assim na *Voz*: lá apparecem uns faes do nosso teor e fôrma.

Postos alli, fazem lembrar um pé de couve-penca num jardim de boninas.

Não lhes invejamos o aspecto.

Aos que nos accusam de subversivos em nossas idéas e livres nas tellas que pintamos, responderemos por uma só vez e d'um só fôlego:

A idéa é livre como o vôo das aves; a arte é nua como a Venus de Milo.

Aqui, na *FOLHA*, não se metrificam breviarios, nem se occultam Aphroditas em mantos de baetão.

Como preferimos a poesia á prosa, o oiro ao cobre, continuaremos a dar o maior espaço da *FOLHA* á primeira, ficando a segunda em logar mais estreito e retraido.

Se contudo este systema não agradar aos nossos leitores, requeiram em sentido contrario.

Taes ha que preferem um copo de cachaça a uma taça de Johannisberg!

O pagamento das assignaturas de fóra de Coimbra deve ser feito em vales do correio, dirigidos a J. d'O. Penha Fortuna, Couraça de Lisboa, n.º 97, Coimbra. Na falta d'elles, em estampilhas de 25 réis.

Responsavel — Bacharel Faustino Sarmento

IMPRESSA DA UNIVERSIDADE